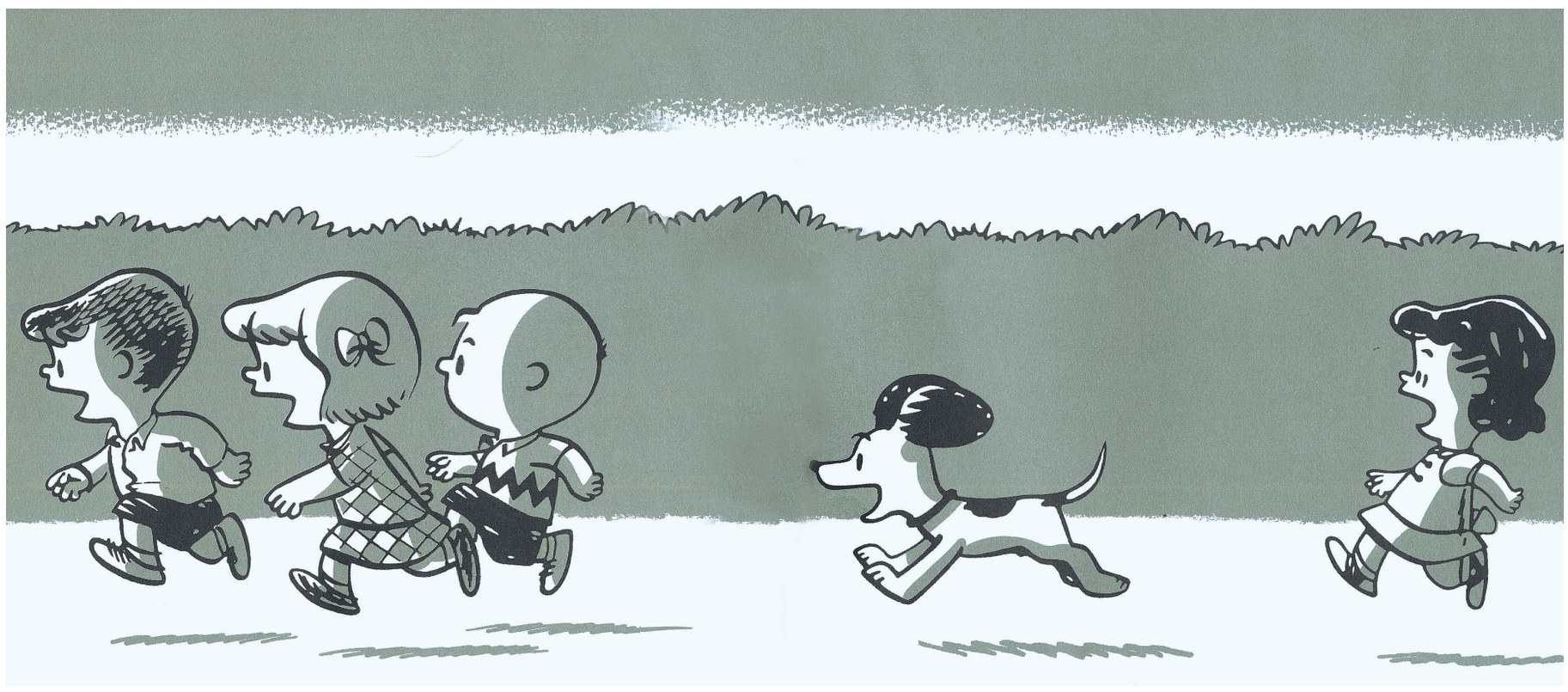
CYAN MAGENTA AMARELO PRETO

cadernob@jb.com.br



QUADRINHOS

Estranhos,

Lançamento no Brasil das mais de 17 mil tiras de 'Peanuts' mostra a evolução de Charlie Brown e sua turma e destaca a influência de Charles Schultz sobre as gerações posteriores

Bolívar Torres

Quando desenhou sua primeira tira de *Peanuts*, em 2 de outubro de 1950, Charles Monroe Schultz certamente não fazia ideia que aquele retrato desencantado da infância americana iria ocupar por completo os próximos 50 anos de sua existência. Desde então, o quadrinista americano, morto em fevereiro de 2000, não fez outra coisa senão se dedicar diariamente às histórias de Charlie Brown e sua turma, que iriam se tornar um sucesso planetário e influenciar milhares de desenhistas. A história integral deste esforço aparece em *Peanuts completo*, compilação das 17.897 tirinhas (das quais, 2.506 edições dominicais) feitas por Schulz. O primeiro volume, que abrange o período entre 1950 e 1952, acaba de chegar às livrarias; já o segundo, com tiras de 1952-1954, deve sair em março.

– Schulz é um caso único dos quadrinhos – diz Caroline Chang, editora do livro. – No mundo inteiro, não houve nada parecido. Ele criou um grupo amplo de personagens e manteve uma tira diária durante quase cinco décadas, sem nenhuma ajuda de colaboradores.

Pela produção massiva do quadrinista, a coleção demorará para chegar até o volume final. Schulz só aposentou a tira em janeiro de 2000, já castigado pelo câncer, e quase sem conseguir enxergar. Para os fãs – especialmente os mais jovens – fica a curiosidade de ver, nesta primeira edição, o nascimento da saga. Em seu primeiro ano, as tiras parecem um esboço do *Peanuts* que ficou cravado no imaginário popular.

Tira saiu diariamente entre 1950 e 2000, e chegou a ser publicada em mais de 2.600 jornais

Charlie Brown ainda não usava sua camiseta listrada característica. Patty não era "pimentinha" nem ostentava nariz esquisito, e ainda não se tornara narcoléptica e má aluna. Na verdade, sua personalidade se mistura com a da agressiva Lucy, que apareceria naquele mesmo ano, mas numa versão embrionária, com o nome de Violet. E Schroeder, o virtuoso do piano, era apenas um bebê. O quadrinista ainda da tateia, afinando as características fisionômicas e psicológicas dos personagens.

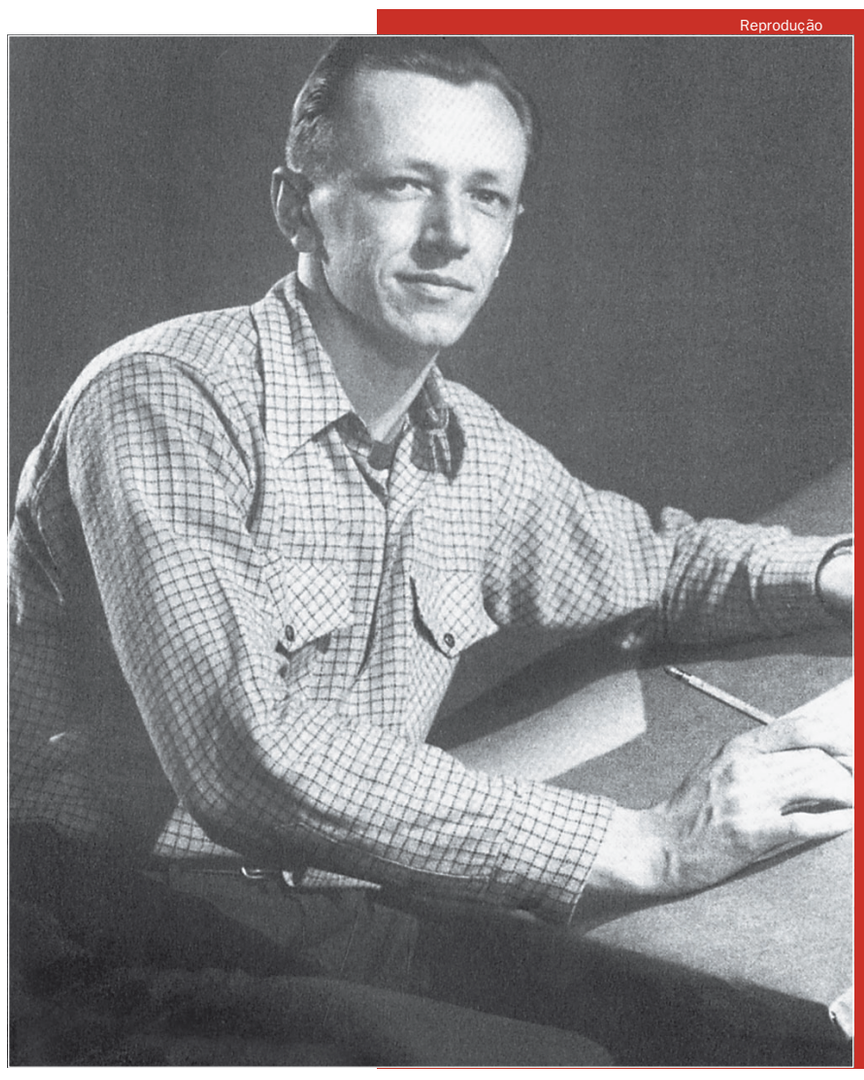
Outra mudança significativa é Snoopy. Como observa o próprio Schulz numa excelente entrevista ao editor da *Fantagraphics Gary Croth* publicada no anexo desta edição, o excêntrico beagle quase não pensava em seus primórdios. Foi preciso esperar alguns meses para que ele fizesse algo mais do que andar de um lado para o outro, ou seja, agir como um cachorro normal e não como um personagem fantasioso que imagina ser um ás da Segunda Guerra Mundial.

Há diferenças gráficas significativas. Até 1952, Schulz quase não varia os enquadramentos, apresentando seus personagens em primeiro plano. Se os cenários sempre foram abstratos, aqui praticamente não existem. Entretanto, mais do que os desenhos, é mesmo o espírito da tirinha que causa estranheza. Só a partir de seu segundo ano que ela vai ficando mais sombria, com um humor sofisticado e diálogos que questionavam o sentido da vida. Uma tira de 1950, porém, já mostra um Charlie Brown neurastênico, refletindo sobre a solidão com o seu incofundível tom amargo-doce – e comprovando que, apesar da vontade dos editores originais, *Peanuts* nunca foi uma tira para "crianças".

– Os álbuns dos *Peanuts* sempre venderam bem na nossa editora, e acredito que a maior parte dos adultos os compram para si – avalia Caroline. – É algo que tem tanto apelo para o público infantil do que para o adulto.

Justamente por escapar da infantilização, *Peanuts* é um marco nos quadrinhos. Para muitos, foi a primeira tira *beat* da história. Sem se meter em teorias filosóficas, Schulz lançava seus personagens em inquietações existenciais. A melancolia está sempre lá, na solidão e decepções daquelas crianças fofas, mas "estranhas", como todos nós.

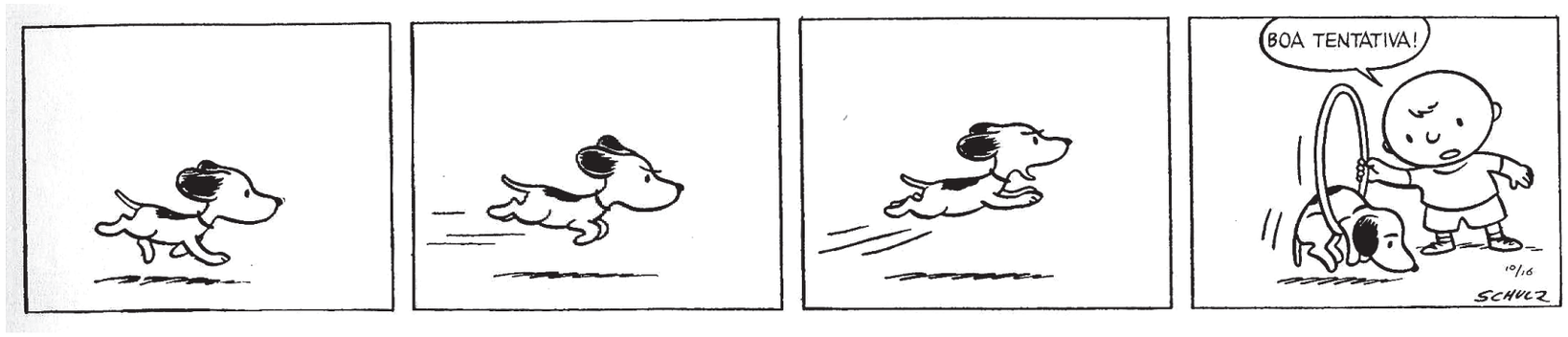
Reprodução



SCHULZ, NA DÉCADA DE 50 – Quadrinista mantinha uma relação íntima com seu trabalho. Até o fim da vida, em 2000, ele desenhou sozinho suas tiras diárias, sem contar com colaboradores

CYAN MAGENTA AMARELO PRETO

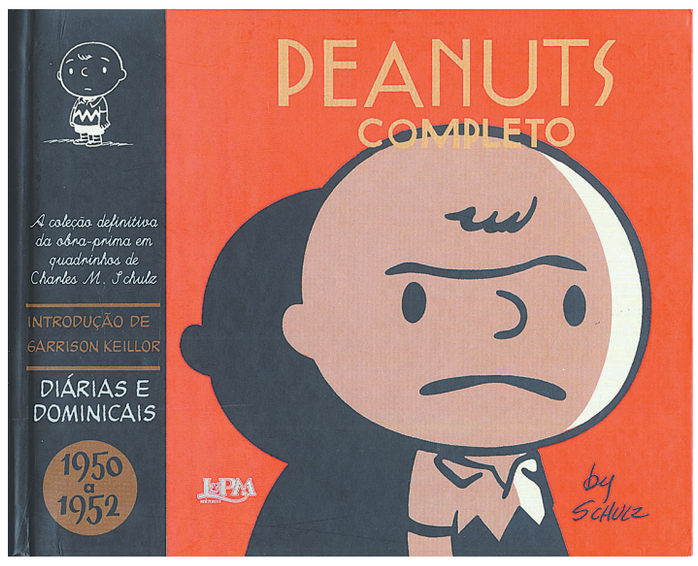
cadernob@jb.com.br



GÊNESE – Charlie Brown e Snoopy, em 1950 (acima). Dois anos depois, traços mais próximos da versão dos personagens eternizada junto aos leitores



como todos nós



– Schulz é um cara que manteve uma produção monstruosa sem perder a qualidade – diz o quadrinista gaúcho Allan Sieber, autor das animações *Deus é pai* (1999) e *Onde andará Petrucio Felker?* (2001) – Sempre gostei do seu universo. São personagens tridimensionais, há uma grande densidade. Não é como a *Turma da Mônica*, em que uma é dentuça, o outro não toma banho e outro fala errado.

Sieber ainda destaca o desenho inconfundível do autor, que conseguia expressar uma enorme gama de sentimentos em poucos traços.

– Ele tinha um grande poder de síntese – diz. – E até o fim ele manteve a pureza, uma integridade artística que poucos têm. Desenhava sozinho. No final da vida, já doente, com as mãos tremendo, você podia ver o desenho vacilante. Gosto disso.

Criador da tira *Malvados*, o quadrinista carioca André Dahmer considera o traço de Charles Schulz um dos mais bonitos dos quadrinhos.

– É simples e redondo – elogia. – Quem não foi influenciado por Schulz? E vale destacar que ele aprendeu a desenhar por correspondência. Criou um universo enorme com o pouco que deram para ele.

Para Dahmer, a timidez de Schulz também é algo marcante.

– Assim como o Crumb, era um autor fechado. Conheço muitos quadrinistas assim, com aversão ao público. O desenho era, para eles, uma maneira de restabelecer o contato. Ele falava pelo desenho.

Nas livrarias

Peanuts completo: 1950 a 1952
Charles M. Schulz. L&PM Editores. 360 páginas. R$ 68

"QUE PUXA" – Charlie Brown no início da década de 50, carregando uma manta, que mais tarde seria a marca registrada de Lino: melancolia e dúvidas existenciais já estavam presentes